

## **A Renovação Carismática Católica em Portugal: apontamentos sobre uma pesquisa**

Rodrigo Portella<sup>1</sup>

[portella-rodrigo@ig.com.br]

### **Resumo**

A partir de uma pesquisa de estágio doutoral em Portugal, financiada pela CAPES e realizada entre setembro de 2007 e fevereiro de 2008, procurei mapear um pouco das sensibilidades católico-carismáticas presentes, na atualidade, em Portugal. Aqui apresento, de forma dialogal com dois grupos e com duas personagens deste estudo, apontamentos do diário de campo da pesquisa. Livre da obrigação de pontuar estes recortes biográficos através de cotejamento bibliográfico, procuro, de forma descritiva, visibilizar conflitos, ideias, perspectivas e peculiaridades da Renovação Carismática Católica em Portugal, inclusive as influências da Renovação Carismática do Brasil em Portugal.

**Palavras-Chave:** Carismáticos, Portugal, Grupos de Oração, Líderes carismáticos.

### **Abstract**

From a survey of doctoral training in Portugal, funded by CAPES, held between September 2007 and February 2008, tried a little map of the Catholic-charismatic sensibilities present, nowadays, in Portugal. Here present, in dialogue with two characters in this study, some of the daily notes of field research. Free of the obligation to point these cuttings through collating biographical literature, looking, so descriptive, visible conflict, ideas, perspectives and peculiarities of the Catholic Charismatic renewal in Portugal, including the influence of the Charismatic Renewal of Brazil in Portugal.

**Keywords:** charismatic, Portugal, prayer groups, charismatic leaders.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência da Religião pela UFJF.

## **Introdução**

Para chegar-me às realidades e lógicas inerentes à Renovação Carismática Católica (RCC, adiante) em Portugal, tomei contato com dois Grupos de Oração da RCC situados em Braga, norte de Portugal<sup>2</sup> (os únicos na cidade ou, ao menos, os mais “visíveis” e representativos). Nomeadamente, o grupo que se reúne nas dependências da paróquia de S. Lázaro e o que se reúne no prédio do Patronato da Sé (ligado à Catedral). O presente trabalho tem um cunho, digamos assim, mais antropológico. Ou seja, o pesquisador faz aqui um relato do que viu e ouviu, um relato mais ao estilo etnográfico, com algumas incursões interpretativas, mas em estilo mais livre, independente de cotejamentos bibliográficos. Assim, a intenção foi a de preservar o gosto original dos diálogos, biografias e experiências, proporcionando uma leitura fluente.

### **1. O Grupo de S. Lázaro**

O Grupo de RCC da paróquia de S. Lázaro se reúne às quartas-feiras, das 20h30 às 22h30. A Paróquia de S. Lázaro possui um templo moderno, próximo ao centro histórico da cidade. O grupo que lá se reúne perfaz entre 10 a 14 pessoas, todas adultas, algumas de classe média, outras pertencentes a extratos mais populares. Há, geralmente, cerca de 5 homens a participar do grupo, sendo as demais participantes mulheres<sup>3</sup>. A reunião arranca com a recitação do terço (diferenciado) à Senhora da Rosa Mística. Ato contínuo, há a consagração da TV Canção Nova à Virgem Maria, ao que seguem cantos, depois vindo uma oração em conjunto, onde todos oram juntos, mas em que a oração da líder sobressai-se, e depois de um canto ao Espírito Santo, há o falar em línguas estranhas ou de anjos. Após este momento há a leitura de um trecho da Bíblia, em que cada um partilha, em comentário orante, um versículo, o louvando, e após, há uma oração em que todos ficam em roda e intercedem pelas

necessidades gerais. Finalmente, uma oração de boa noite à Virgem Maria, em agradecimento pelo dia.

A reunião se dá numa capela anexa ao templo central. A entrada principal da Igreja, nestas noites, fica encostada, como que fechada, e não há boa iluminação na praça onde se localiza a Igreja por não haver, na noite de quarta-feira, outra atividade regular na mesma.

## **2. O Grupo do Patronato da Sé**

O Grupo do Patronato da Sé envolve 8 pessoas regulares, não havendo pessoas flutuantes no grupo. São pessoas simples, de extrato social mais pobre e de estudo básico. Parecem formar uma família, embora apenas duas pessoas ali presentes sejam parentes. Lá há uma jovem, de 15 anos, que acompanha a avó às reuniões. Só há um homem no grupo, que, aliás, é seu líder formal (informalmente a liderança é de duas senhoras mais antigas no grupo e mais antigas na RCC, Adília e Gervásia). O Grupo do Patronato da Sé se reúne numa sala de catequese quase anexa ao edifício religioso. Isto já denota uma primeira característica para nossa análise, comum a ambos os grupos: a situação guetizante, marginal e de pouca visibilidade dos grupos da RCC em Portugal, assaz em Braga, considerada a cidade mais católica de Portugal e, segundo inquérito realizado por Helena Vilaça, a de mais frequências aos ritos religiosos.<sup>4</sup>

## **3. Visibilidade e invisibilidade da RCC em Braga**

Conversando, certa vez, com uma catequista da Paróquia de S. Lázaro, lhe contei que estava a realizar pesquisa junto à RCC em sua paróquia. Ela espantou-se, uma vez por não identificar de imediato a que se referia o nome

---

<sup>2</sup> A cidade de Braga é considerada grande para os padrões urbanos portugueses, possuindo cerca de 170 mil habitantes e sendo uma das principais cidades portuguesas, mormente no norte de Portugal, onde é sede de Distrito e Concelho, e considerada a capital da região do Minho. Sua história recua aos tempos pré-romanos e ao domínio romano, portanto, à Antiguidade. Característica principal da cidade é seu apelo religioso. Considerada a cidade mais católica de Portugal (e, portanto, provavelmente, uma das mais católicas da Europa), é conhecida pela alcunha de “a Roma portuguesa”, ou “a cidade dos arcebispos”, contando com sede episcopal desde os inícios da Igreja cristã e tendo, entre antigos bispos, santos canonizados pela Igreja romana. Há grande número de templos católicos na cidade, destacando-se a Sé medieval.

<sup>3</sup> Estes dados referem-se à realidade constatada no período da pesquisa, entre setembro de 2007 e fevereiro de 2008.

<sup>4</sup> Helena VILAÇA, *Da Torre de Babel às terras prometidas: pluralismo religioso em Portugal*.

Renovação Carismática, e outra por não saber da atuação do grupo na sua paróquia. Também ao procurarmos informação, na secretaria do Patronato da Sé, sobre o grupo de RCC que lá se reunia, a secretária do lugar não sabia informar sobre o grupo.

Esta situação um tanto de catacumbas em que se encontra a RCC em Braga deve-se, sobretudo, à maior parte do clero e episcopado de Portugal ter resistência ao movimento, o que impede que a estrutura da Igreja, com seu poder midiático ou de divulgação, visibilize com maior força a RCC. Mesmo nas paróquias de Braga onde atua, a RCC é apenas tolerada, não contando com assistência constante dos párcos. É sintomático e revelador, portanto, que uma catequista atuante na paróquia não identificasse de imediato mesmo o nome do movimento e a que se referia. Contudo, quando lhe falei, a bem de fazer correlações, do Pe. Marcelo Rossi e da Canção Nova (CN, adiante), ela fez as associações, com um ar de rejeição. Sim, a RCC tem, de certa forma, visibilidade em Portugal, dado que a TV Canção Nova tem suas ondas transmitidas para a televisão portuguesa, e mesmo em Braga há uma livraria da Canção Nova. Tanto a CN como a RCC do Brasil enviam periodicamente padres e missionários a pregar retiros e fazer palestras em Portugal. Contudo, embora haja esta inserção, a RCC é ainda pouco atuante e numerosa no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana de Portugal. A CN, por sua vez, retransmite programas da emissora no Brasil, sendo que há poucos programas produzidos pela CN local. Porém, mesmo nos programas locais, percebe-se brasileiros a trabalhar nos programas (como âncoras, repórteres, apresentadores, pessoas da assistência ao telefone, etc), que são missionários da CN do Brasil enviados à CN de Portugal, salientando a dependência e estreitas relações que ainda existem entre a base da RCC no Brasil e o desenvolvimento da RCC em Portugal.

Portas cerradas (encostadas) ao público, capelas anexas ou mesmo saletas de catequese (um espaço não sacro, portanto) onde grupos se reúnem, a falta de divulgação nos meios de comunicação paroquial fazem dos grupos de RCC uma nódula no espaço eclesial oficial da cidade. O que faz deles, igualmente, grupos de resistência e forte identidade, dado que o ser minoria cria a coesão e solidariedade grupal.

#### **4. RCC em Portugal e de Portugal**

Bem diferente, em contraste, é a RCC no Brasil, contando com a simpatia e apoio de muitos eclesiásticos e com ampla divulgação, nos vários meios eclesiais e sociais, de suas atividades, que se realizam nos templos, de forma bastante explícita. Pode-se dizer que em Portugal a RCC ainda não foi naturalizado enquanto movimento eclesial de grande porte, sendo ainda um filho bastardo da Igreja (talvez de um concubinato com certos movimentos evangélicos). Não que não haja certa estrutura do movimento em terras lusas. A RCC é, sim, organizado, com um site oficial ([www.pneuma-rc.pt](http://www.pneuma-rc.pt)) e com um orientador geral, o padre spiritano José da Lapa, residente em Lisboa. Também publica livros e tem um livro de hinos religiosos editado, inclusive com músicas nativas. Conta-nos o site que a RCC em Portugal contabiliza 33 anos de existência. O site é obra bem particular do Padre Lapa que liga a RCC em Portugal à sua atuação e que ainda, em seu conteúdo, tem o tom de justificar didaticamente a presença da RCC e explicá-lo. A RCC também publica uma revista bimensal, *Pneuma*, já no número 133 (2007). Conforme o site informa, há apenas um grupo de jovens da RCC, situado em Lisboa, o que nos revela que, bem ao contrário do Brasil, a RCC tem dificuldade, por sua via própria caracterizada pela emoção e fidelidade à moral e doutrinas da Igreja, em se fazer atrativa entre os jovens. Enfim, em comparação percentual com a RCC no Brasil, esta estrutura ainda não mostra a força de arrebatador número considerável de adeptos, nem mesmo de se fazer visível de forma suficiente.

#### **5. “O mar já não divide, une” (Fernando Pessoa): O Brasil na RCC de S. Lázaro**

Voltando ao grupo de S. Lázaro, sua líder, Adelaide, é uma senhora que morou durante anos no Brasil, no Rio de Janeiro, e nesta cidade tomou conhecimento da RCC. Aliás, é importante ressaltar a importância que a RCC do Brasil tem para alguns grupos da RCC de Portugal e, particularmente, para o de S. Lázaro. A maior parte das referências religiosas do grupo é oriunda do Brasil, visto como uma terra em que a RCC alcançou um nível ímpar de exemplo e modelo para outros países. Basta citar que neste grupo a Bíblia utilizada é a

mesma adotada “oficialmente” pela RCC do Brasil, isto é, a da Editora Ave Maria; que o livro de hinos é o mesmo da RCC do Brasil, o “Louvemos ao Senhor”, da Associação do Senhor Jesus (em edição atualizada de 2007). Logo no meu primeiro encontro no grupo, esteve presente um leigo do Rio de Janeiro, em peregrinação à Fátima, que foi dar seu testemunho de vida. Posso dizer que foi o maior dia de audiência às reuniões, ao menos de todas que acompanhei. Foi uma noite em que as pessoas pareciam estar a receber mais que um padre ou bispo. A reunião estendeu-se até mais tarde e o brasileiro distribuiu bênçãos e imposição a cada um em particular, profetizando sobre vidas e causando profunda comoção.

No sentido religioso, portanto, vemos no âmbito da RCC em Portugal o contrário do que vemos no Brasil em relação a movimentos religiosos exógenos. No Brasil formas religiosas importadas de países mais desenvolvidos economicamente (como práticas da Nova Era e mesmo movimentos católicos, importados de Japão, EUA e Europa) tomam um *status* especial dado a origem de procedência e a significação simbólica da origem<sup>5</sup>. O Brasil, país colonizado por Portugal e, de certa forma, inferior economicamente a Portugal, na periferia dos centros de decisão mundial (ao contrário do europeu Portugal) tem, para muitos adeptos da RCC portuguesa, o *status* de sítio religiosamente mais desenvolvido e, portanto, exportador de simbólicas e eficácias religiosas.

## **6. De leigos para leigos: uma Igreja que se inventa**

Semelhantemente ao que ocorre no Brasil, porém, a meu ver, um pouco mais acentuadamente em Portugal, a liderança leiga e o espaço leigo têm bastante visibilidade (no âmbito específico da RCC, frise-se). Os grupos de RCC que acompanhei não têm nenhum acompanhamento, apenas muito esporádico, do clero da paróquia em que estão incardinados. Há sim, um padre designado pela Arquidiocese para o acompanhamento de grupos da RCC. O padre, porém, que reside em Vila Verde (não distante de Braga) não deu o ar de sua graça em nenhuma das reuniões que acompanhei, dando a impressão de que seu cargo é mais uma formalidade institucional. Isto reforça o caráter de iniciativa leiga e

---

<sup>5</sup> Rita Laura SEGATO, Formações de Diversidade: um modelo para interpretar a recepção de opções religiosas nos países da América Latina no contexto da globalização. In: ORO, Ari (Org.). *Religião e Globalização na América Latina*.

laicidade dos grupos. E esta questão da laicidade se apresenta bastante sintomática se fizermos um paralelo com o protestantismo, donde, de certa forma, a RCC deve raízes e cruzamentos. Uma primeira característica que aponta a laicidade dos grupos é, ao menos no grupo de S. Lázaro, uma ausência de liturgia ou rito estabelecido. Embora haja uma estrutura básica (reza do terço da Rosa Mística, cantos, oração em línguas, leitura bíblica, oração), tal estrutura costuma sofrer modificações imprevistas e não há necessariamente uma ordem certa e regular a seguir, sendo que elementos originais são colocados no desenvolver da reunião conforme a inspiração da líder do grupo.

No grupo da Sé, porém, existe uma ordem litúrgica mais definida e rígida, com a oração do terço mariano no princípio, seguindo-se a ele cantos muito alegres, com palmas e gestuais, até que em determinado momento há a oração em línguas. Após realizam-se as leituras bíblicas previstas para o dia, a partilha do comentário delas e, a seguir, novos cantos e orações.

A questão da apropriação da Bíblia, e de certo modo sua centralidade nas reuniões do grupo, é de chamar a atenção. Não tanto pela leitura dos textos, mas pela liberdade de comentários a eles. No catolicismo, em princípio, apenas o sacerdote ou diácono é autorizado a comentar o texto bíblico. Pois bem, esta autoridade sacerdotal é desempenhada por leigos, de forma livre, nestes grupos, o que os aproxima de outro grupo católico que, comumente, se encontra em oposição à RCC: as CEBs. Geralmente se lê o texto bíblico, e, cada qual, relê o verso que mais chamou a atenção e faz algum comentário sobre ele. Ninguém tem o monopólio sobre a palavra, nem o líder do grupo. É um momento onde todos são livres intérpretes da religião e de sua expressão bíblica. Não há coerções. Não há cleros.

Neste sentido quero citar um caso que considerei bastante sintomático. Em uma das reuniões do grupo da Sé, o texto evangélico foi o de Lc 21.49-56, em que Jesus diz que viria trazer fogo à terra, e não a paz, e que a partir dali familiares estariam divididos numa mesma casa. Após a leitura deste texto houve um silêncio mais longo que o habitual. Um longo silêncio constrangido, inclusive, possivelmente, pela presença do pesquisador que, como possível alvo de orações inconfessadas para sua conversão, estava ali a ouvir uma mensagem pouco confortante da parte de Jesus. Até que em certo momento o líder disse que não



concordava muito com aquela “parábola”. Disse que Jesus veio trazer coisas boas: paz, perdão, união... Uma das líderes natas, porém, apressou-se a corrigir, dizendo que o fogo de que falava Jesus era o fogo do Espírito Santo, que nos unge e que devemos conservar aceso. Ao que a outra líder retrucou ser este fogo do Espírito para unir o que está desunido: famílias, cristãos...

Foi bastante interessante observar como, para os membros daquele grupo, uma mensagem de Jesus não poderia sair dos paradigmas comumente aceitos e vulgarizados de amor, paz, alegria, perdão e união. Ali não foi possível fazer uma leitura literal do texto, mas teve-se que buscar toda uma hermenêutica que permitisse coadunar as palavras duras do texto ao imaginário emocional das pessoas a respeito da essência da mensagem de Jesus. E o fogo, sendo no imaginário carismático ligado ao Espírito Santo, foi traduzido como o envio deste, embora o contexto do texto a nada se referisse quanto a isto. O ocorrido manifesta a independência que os grupos de RCC têm em não depender da exegese oficial a vaticinar o texto, e a forma alegórica com que chegam aos textos mais difíceis para encaminhá-los às lógicas da RCC. Porém, o fato mais interessante foi o do líder dizer que não concordava com aquelas palavras. Haveria algo de errado na tradução da Bíblia? Enfim, por um lado desafiava-se a autoridade da palavra bíblica, a partir do critério de que ela deveria concordar com certa imagem de Jesus já pré-estabelecida na memória afetiva das pessoas. E, por outro lado, remetia, tal atitude, a uma tendência de leitura bíblica seletiva, em que certos textos não de ter mais autoridade do que outros. O fato demonstra como, na RCC, um determinado Jesus é construído (o das emoções, afetos, paz, perdão, alegria) sem que o mesmo possa ser questionado por ele mesmo.

Outra característica da laicidade destes movimentos pode-se ver na Sé. Como se reúnem numa sala de catequese, falta-lhes altar e sacrário, enfim, o ambiente sacro. Pois o grupo coloca acima da mesa uma toalha, com o nome *renovamente carismático*, uma vela, um quadro de Maria e uma pequena imagem de Jesus ressuscitado e glorioso, demonstrando que o grupo cria o ambiente sagrado quando este não lhe é facultado.

É interessante citar uma oração da líder de S. Lázaro, que disse, por diversas vezes, que Jesus, era o único guia e senhor daquele grupo, sendo ele o chefe, o que fez nascer e sustenta o grupo. Embora haja óbvia obediência à Igreja



hierárquica, a referência explícita, direta e sem mediações a Jesus como o “único” evidencia o grau de certa independência relativa que o grupo tem quanto à Igreja. Jesus, sendo o símbolo máximo, a flexibilidade litúrgica, a apropriação da palavra e comentário bíblico pelos fiéis, a liberdade de expressões configuram, por certo, elementos com grandes afinidades eletivas com um modelo de eclesiologia e teologia protestantes.

Outra característica flagrante do que dizemos é o fato de a líder do grupo de S. Lázaro receber, por vezes, mensagens da Virgem Maria. Em certos momentos de oração e aparente transe, a líder enuncia mensagens como se a Virgem Maria estivesse a falar por ela, numa espécie de incorporação. São mensagens bastante prosaicas, como que pedindo por união, dizendo que ama a todos, que todos são especiais, que continuem rezando, etc. O que quero chamar a atenção, neste momento, é para o fato de que a líder, e os demais participantes, não têm nenhuma preocupação com o discernir a veracidade do fato, comunicá-lo ao padre, ao bispo, entregar a questão à prudência da Igreja nestes assuntos. Simplesmente aceita-se – ou fingi-se aceitar - o fato de que ali esteja a falar a Virgem Maria por boca de uma leiga em um pequeno grupo de oração, sem que se coloque tal fato ou o confronto perante o magistério eclesial, sem que seja necessário a presença da Igreja hierárquica, sem que a laicidade e liberdade completa deste fenômeno seja posta a qualquer prova ou mesmo comunicação oficial. Seria medo da reação da Igreja oficial? Se o for, aí está um fato digno de nota: os leigos da RCC constroem sua religião às margens e mesmo à revelia da igreja oficial.

## **7. Ressuscitando a Cristo: entre a alegria e a dor**

Outra característica do grupo da Sé é justamente a da alegria, da performance dela, o que também se percebe em S. Lázaro. Na cidade de Braga, como em Portugal como um todo, abundam imensamente as imagens e devoções do Cristo sofredor, doloroso, da Paixão, da cruz. Iconograficamente têm-se uma religiosidade sacrificial e dolorosa, purgativa. Assim parece não ser nos grupos da RCC. Na Sé não há o Cristo doloroso, mas o glorioso representado. Risos, palmas e ambiente descontraído marcam a reunião. Em São Lázaro, certa vez, como as pessoas estivessem um tanto paradas, desanimadas, a líder começou a

reclamar e incentivar, dizendo que tivessem ânimo, alegria, pois estavam diante de Jesus vivo, que ama e perdoa, que estavam salvos, etc. E improvisou uma corrente de oração na tentativa de animar as pessoas.

É bastante perceptível não só nos grupos de oração da RCC, mas também nas falas e narrativas veiculadas por programas portugueses na CN, a contraposição entre um catolicismo dito “morto” e um catolicismo “vivo”. Se percebe um conflito latente entre modos de gerir a fé. A RCC, neste sentido, confronta-se com a religião ou religiosidade tradicional portuguesa, marcada pela Paixão de Cristo. Certo senhor português de idade – e este é um só dos exemplos – disse, em entrevista num programa da CN, que em toda sua longa caminhada não havia conhecido nada melhor no catolicismo do que o jeito da RCC, pois enquanto a maioria dos católicos só fica na sexta-feira da Paixão, adorando um corpo morto, tristes, a RCC trazia um Cristo vivo, ressuscitado, atuante, que age ainda hoje, realiza milagres, restaura vidas. É de se perguntar o porquê da RCC em Portugal ainda não ter a projeção e força já atingida em outros países de maioria católica? Seria justamente porque este discurso da RCC está, de certa forma, na contramão da religiosidade basilar e enraizada da cultura portuguesa? O que faria, por outro lado, que os adeptos da RCC em Portugal portassem, em contraposição, um discurso bastante crítico desta mesma religiosidade. Enfim, mostra-se a RCC como um ambiente que está para além da religião e religiosidade estabelecidas no lugar, quebrando paradigmas religiosos e re-inventando modos de ser, figurar e celebrar o catolicismo, numa moldagem leiga, não dependente em rigor da orientação eclesiástica, embora formalmente referida a ela.

Contudo, uma religião dolorida e tradicional é também mesclada e absorvida nestes grupos, que são, é claro, pontes de retraditionalização, ainda que de formas novas. A dor está presente a partir de uma percepção religiosa ao mesmo tempo tradicional e pós-tradicional, perfazendo um discurso ambíguo e aglutinador. Por exemplo, a líder de S. Lázaro agradece em oração as dores do corpo e alma e diz que elas têm uma finalidade reparadora para Deus. Que pelas dores há certo expurgo de pecados e que mesmo dores não merecidas têm de ser agradecidas, pois podem estar a ajudar alguém, serem sufrágios por alguma causa. Enfim, ao mesmo tempo que a lógica sacrificial e conformista em relação à

dor tem lugar, também emerge um discurso de libertação da dor, pois que Jesus veio para nos curar em corpo e alma, lançar fora nossas dores. O discurso, aparentemente – ou de fato – contraditório, busca justificar tudo (dor, saúde, cura, acidente, sofrimento) a partir de uma cosmologia e teodicéia que a tudo explica em alguma divina lógica. Portanto, no fim, nada é sem razão, mas tudo se inscreve em algum lugar da providência divina.

## **8. Carisma e Liderança: uma relação controversa**

Quanto à liderança, enquanto exercício de poder carismático (no sentido weberiano), pode-se dizer que aparentemente não se nota de forma *hard* alguma dominação carismática dos líderes sobre os grupos. No caso de S. Lázaro, a líder tem, é certo, reconhecimento e algum prestígio, devido à sua mais longa caminhada na RCC, a ser fundadora do grupo e por seus contatos e conhecimentos no âmbito do movimento. Porém é quase um carisma de função que exerce, ou da instituição, se assim posso dizer. Não se percebe, de fato, um carisma profético ou de domínio. Com muito custo a líder tenta, em algumas reuniões, empolgar as pessoas, a dizer que se animem, que estão diante de Jesus, etc. Enfim, não há um clima de efervescência emocional como se percebe em muitos grupos carismáticos no Brasil. Não chega a existir uma comunidade no sentido durkheimiano. Ela é apenas uma pessoa que lidera em um sentido funcional e, de certa forma, burocrático. Seu poder não emana exatamente dela, mas do que ela pode representar para o grupo.

Também na Sé não existe uma liderança forte, sequer alguma estabelecida. Oficialmente o líder é o único homem do grupo, que lidera a reza do terço e vai controlando as demais etapas da reunião. Porém, sua função é meramente burocrática. As duas “fundadoras” do grupo, que têm mais conhecimento quanto à RCC, é que dirigem o louvor, cantos, gestuais, mas sem qualquer afirmação de dominação carismática.

Esta é uma questão a levantar, pois, ao que parece, Portugal não tem referências lusas, nativas, dos tipos ideais do profeta carismático. Não há um Dunga, Jonas Abib, Joãozinho, Fábio de Melo, Marcelo Rossi, Zeca. Jorjão, Moisés, etc. O Padre Lapa, iniciador da RCC em Portugal, é uma referência mais institucional e pontifical nas relações entre RCC e a Igreja, mas não chega a ser

uma personalidade de domínio carismático. É mais um supervisor, e encarado como tal. Grande parte da literatura e da discografia é importada do Brasil e, mesmo nas edições da RCC em Portugal, a maior parte das obras é de traduções.

É interessante perceber, como na palavra da líder de S. Lázaro, o ideário quanto a esta questão. Disse ela que antes Portugal evangelizou o Brasil e, agora, Portugal é que é terra seca de Deus, secularizada, e que o caminho inverso se faz, sendo o Brasil a evangelizar Portugal.

### **9. Sé e S. Lázaro: água e óleo?**

O grupo de S. Lázaro prima por uma referência mais agudizada em relação ao Brasil, como já se disse, e, portanto, também carrega características, em suas reuniões, mais de acordo com o rosto da RCC do Brasil. Pois bem, mesmo não apresentando a mesma intensidade e mobilização emocional encontrada nos grupos brasileiros (não há profecias específicas, repouso no Espírito, grandes alaridos), o grupo apresenta um pouco mais de “fervor”, se assim é possível descrever, do que o grupo da Sé. O tempo em que se fala em línguas é mais distendido, o falar é mais alto e por vezes cantarola-se em línguas. Também o momento de oração coletiva (sem ser em línguas) assemelha-se mais aos tipos encontrados na RCC brasileira (e, não por acaso, nas igrejas evangélicas de tendências pentecostais ou avivadas), em que se ouve um grande zunido em que todos oram a um tempo. Interessante, igualmente, foi observar certas reações, como num momento de oração em que uma senhora, aparentando ser de classe média alta, orava com insistência durante uma música, fazendo gestos com braços e mãos bastante excessivos e com força demasiada, quase como em êxtase, inclusive batendo o pé no chão (lembrava-me certas entidades da Umbanda baixadas em seus cavalos). Algumas vezes percebe-se alguma alteração emocional como um choro localizado, uma profunda comoção, etc. Particularmente, quando o já citado líder brasileiro da RCC visitou o grupo, pode-se presenciar estas manifestações mais emocionais (como se vê, a questão do carisma e figura referencial importada). No grupo da Sé, porém, em nenhum momento pude observar manifestações emotivas mais densas, a indicar mais uma vez o caráter de igreja doméstica de certa devoção tradicional do grupo.

O grupo da Sé tem um formato de convívio com o sagrado bem mais comportado, prosaico. É quase um grupo devocional tradicional informado por algumas práticas da RCC. Sendo um grupo menor, mais regular e de um caráter mais íntimo, “familiar”, as músicas são cantadas de forma mais à vontade, em ensaios, erros, recomeços, com risos de uns para com outros e com muitíssimos gestos, alguns mesmo beirando a performances infantis. Não chega a haver algum *frenesi* mais ao gênero de êxtases, como se observa um pouco mais em S. Lázaro. Mesmo o falar em línguas dura menos tempo e não chega a ser tão valorizado. Em comum têm o falar em línguas, os cantos da RCC e a partilha da Bíblia. Porém, na Sé, as Bíblias são de edições portuguesas sem ligações com a RCC, e o livro de Hinos é o da RCC portuguesa. O grupo da Sé, pode-se dizer, reflete uma forma mais à portuguesa de ser carismático. Lembro de certa música, do livro de hinos, que inclusive tinha o jeito do Vira português, e as palmas e formas corporais de expressá-la aparentavam-se ao Vira.

No grupo da Sé não há a prática da oração de todos ao mesmo tempo. Cada um reza a seu tempo, e todos ouvem. Isto também vem a mostrar um caráter mais coletivo do grupo, enquanto que S. Lázaro reflete um caráter mais individual, menos coletivo, em que os laços de pertença não se mostram com a mesma força, sendo mais forte as buscas individuais de seus adeptos (todos oram ao mesmo tempo, cada um a sua oração, sem ouvir a do outro).

## **10. O Espírito é livre, *ma non troppo*...**

Necessário também se faz uma palavra sobre o controle do evento místico nestes grupos. Embora o discurso seja o da liberdade, flexibilidade e não pré-determinação, existe um claro controle sobre os efeitos religiosos que se manifestam nos grupos. A líder de S. Lázaro, assim como o da Sé, está com constância a controlar o relógio, e perceber o momento exato de se passar de uma etapa a outra da reunião. Geralmente, principalmente na Sé, ninguém fala em línguas fora de hora. Em ambos os grupos existe um momento certo em que todos ao mesmo tempo falam em línguas e em que todos, ao mesmo tempo, cessam de falar em línguas. A líder de S. Lázaro, inclusive, fica no corredor da capela, a ter um controle mais geral sobre o grupo.

O Espírito Santo (ES, adiante), também, parece se submeter às regras. Ao invés de soprar na hora que quer, de acordo com sua liberdade divina tão valorizada na RCC, “desce” ou atua em hora marcada. Como na Umbanda, em que é preciso cantar o ponto para que a entidade possa descer, também nos grupos é preciso cantar a “senha” para que o ES passe a atuar. Nos dois grupos a senha é a mesma, a música “Eu navegarei”, um *hit* da RCC. Em certa altura diz a letra da música “Espírito, que desce como fogo, vem como em Pentecostes, e enche-nos de novo”. Pronto, o ES, solícito que é, sempre vem após esta música. As pessoas ficam já pré-dispostas para o sobrenatural quando o líder inicia o canto e, impreterivelmente, é após ele que se manifesta o dom de línguas. No grupo de S.Lázaro, até onde pude observar, penso que todos, uns mais, outros menos, falam em línguas. Exceção, talvez, seja uma senhora mais idosa que me pareceu não manifestar o divino dom. Na Sé, a menina de 15 anos e uma senhora mais idosa não manifestam este dom. É de se perguntar por que os mais novos e os mais velhos não se conectam à efervescência mística do momento?!

Certa vez, em S. Lázaro, a impressão é que a divindade não se manifestava como de costume. Falou-se pouco em línguas, o grupo parecia desanimado. A isto a líder incentivou a todos se levantarem e orarem mais, pedir, clamar. Até que o sopro divino dignou-se a estar um pouco mais presente. O controle, portanto, não é apenas dos momentos e etapas “litúrgicas” que devem se suceder, mas sobre sua normalidade e rotinização, a que tudo se dê, ainda que alegadamente sob o discurso de espontaneidade, da forma como deve ou deveria se dar, mesmo que para tanto seja preciso constranger as forças divinas.

### **Aspectos de uma prosa: Adelaide**

Tive a oportunidade de conversar mais demoradamente com a líder do grupo de S. Lázaro. Coloco, em separata, esta prosa, que remete a algumas questões referentes ao grupo.

#### **1. Conhecendo um novo catolicismo**

Adelaide, líder de S. Lázaro, recebeu-me em seu restaurante em Braga. Ao ver-me, parou todo seu serviço, ofereceu-me insistentemente algo a beber ou comer e sentou-se comigo, alegremente, para uma prosa. Ora, eu apenas

participava do grupo às quartas-feiras, sem maiores conversas ou demoras com sua líder, sendo, praticamente, um estranho. Mas a referencialidade do Brasil, que eu carregava, era religiosamente tão relevante que Adelaide viu em mim alguém que tinha “uma presença muito forte no grupo”, como disse-me, embora minha participação fosse mais passiva e observante, bastante discreta.

Adelaide, a líder, residiu por 17 anos no Rio de Janeiro, onde juntamente com seu marido tinha comércio de gêneros alimentícios. Adelaide tem apenas os estudos primários. Após anos de prática de um catolicismo tradicional, conheceu, na Igreja de S. Francisco Xavier, na Tijuca, Rio (um dos pólos mais antigos da RCC na cidade), a RCC. Frequentou-a durante dois anos e diz ter sido lá um lugar de encontro profundo com Deus e com o catolicismo, um catolicismo consciente. Diz ter trocado um Deus de castigo por um Deus de liberdade e alegria. Aliás, este também é um pouco o sentimento de outros membros do grupo com quem tive rápida conversa, pois apontam a RCC como um lugar de alegria, de um catolicismo vivo, vibrante. Isto é bastante sintomático no contexto português e bracarense, pois que em Portugal (e particularmente em Braga), as imagens e devoções do Cristo sofredor, da Paixão, e da Senhora das Dores, é intensa e marcante. Não há sítio, sejam pequenas capelinhas nas esquinas (as “alminhas”), seja a maior parte das iconografias nos templos, em que não preponderem imagens dolorosas de Cristo e de Maria, assim como desenhos de almas queimando no purgatório e pedindo auxílio à Virgem dolorosa ou a Cristo crucificado. Enfim, o catolicismo português e, em particular, bracarense, é marcado pela Paixão de Cristo, pela via dolorosa, pelas cenas do calvário. Um catolicismo penitencial e purgativo. Não é estranho, então, que a maior parte das pessoas que aderem à RCC narrem como sentimentos de liberdade e alegria o que experimentam ali. Contudo, é preciso não se enganar, pois que o catolicismo doloroso e purgativo lá também está presente, através da oração pelas almas que não adoram, que se perdem, que ofendem a Deus, e a visão dolorosa de Cristo ainda se faz *mister*.

Contudo, o ambiente de “liberdade” está em contraste com o catolicismo tradicional, pois ali cada um reza como quer, coloca suas agruras para fora numa metalinguagem que, por ser justamente incompreensível, demonstra a fuga de um



catolicismo racional e institucional<sup>6</sup>, onde leigos se apropriam da Bíblia e de sua interpretação e não se constringem em manifestar seu ardor em gestos e sorrisos. Para uma “aldeã que não conhecia nada além da aldeia antes de ir ao Brasil”, como afirmou Adelaide, conhecer um catolicismo deste tipo passa a ter ares de libertação, descoberta de um mundo novo.

## **2. “Vou voltar na primavera, era tudo que eu queria, levo terra nova daqui” (Keiton & Kledir)**

Em 1989 Adelaide retornou à Braga, Portugal. E desembarcou em Portugal com terra, melhor, idéias novas. Embora neófita na RCC, recebeu da dirigente do grupo a profecia e missão de que deveria fundar em Portugal um Grupo de Oração. Chegando a Braga, frequenta a capela do Divino, onde Hercília Pinto dirigia à época um grupo de oração aos moldes da RCC. Contudo, para surpresa de Adelaide, segundo ela a líder do grupo não a recebeu bem, dizendo que ela trazia “mais uma seita do Brasil”. Pouco tempo ficou Adelaide no grupo, sentindo-se *persona non grata*, e ainda hoje, embora a cura interior seja um dom peculiar evocado pelos carismáticos, sente-se, na fala de Adelaide, uma certa mágoa de quem parece não ter tido a graça desta cura que propaga. Esta é uma questão que parece ser bastante relevante no âmbito da RCC em Portugal, ou talvez mais especificamente em Braga: conflitos, tensões, vaidades, luta por poder num campo em que ainda há muito por fazer em relação à RCC e, portanto, campo ainda aberto para aquisição de lugar, poder e *status*. Teria Hercília receio que alguém recém-chegado do Brasil, da RCC brasileira (cujo padrão é referência para alguns) pudesse concorrer consigo ou atrair a si certo reconhecimento por sua experiência carismática brasileira?

Sobre o mesmo episódio, ao conversar com Hercília Pinto, ela disse-me, quanto ao caso, que Adelaide, recém-chegada do Brasil, começou a participar do grupo da igreja do Divino, em 1990, em que ela, Hercília, e outros dirigiam as reuniões de oração. Segundo Hercília, Adelaide começou a tentar colocar uma nova maneira de organizar a reunião, a trazer idéias de seu grupo da RCC do Brasil e, quando uma líder do Grupo, certo dia, atrasou-se, Adelaide teria iniciado

---

<sup>6</sup> Daniele HERVIEU-LÉGER, Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?. In: *Religião e Sociedade*.

a reunião em seu lugar ao seu modo, o que causou certo mal-estar e seu afastamento do grupo.

### **3. Somos todos irmãos, mas...**

Hercília procura desqualificar a inserção da Adelaide no grupo por esta ter trazido idéias novas do Brasil. Adelaide, por sua vez, ainda no Brasil, foi incumbida em ser missionária do Espírito Santo em Portugal, incumbência esta dada pela líder do grupo local. O grupo a que foi era de tendência e práticas carismáticas, portanto, o embate não foi tanto, como percebo, por práticas religiosas alienígenas e heterodoxas que pudessem ter vindo junto com Adelaide, mas por uma disputa, ainda que calada, de legitimidade em gerir os bens simbólicos e organizá-los. Teria uma portuguesa, vinda da RCC no Brasil com uma missão, a ter um perfil maior de *status* diferenciado para o meio simbólico do que a mantenedora do grupo local? O choque de discursos por vezes um pouco diferentes seria um choque de poder, do poder autêntico para definir os discursos do grupo? Bem, esta história não é o foco do relato aqui apresentado, mas serve de sinal de como, em Portugal (mas não só) o Espírito Santo não está apenas a unir e criar uma linguagem e ardor comuns, mas também a separar e dar diferentes línguas a seus adeptos.

### **4. Iniciando a missão: entre altos e baixos**

Em 1991 Adelaide inicia o grupo de oração na Paróquia de S. Lázaro. Pessoas começam a chegar aos poucos, algumas experimentam e vão-se, outras ficam. Leigos e padres do Brasil, conhecidos de Adelaide, vindos à Portugal se hospedam em sua casa e aproveitam para ensinar no grupo. Aliás, este é um aspecto que Adelaide frisa como sendo de carência ao grupo: o ensinamento. A palavra de sabedoria, sendo um dom do Espírito Santo, tem estado ausente, conforme informa. Ela, propriamente, diz-me, possui pouca escolaridade, o que a impede ao ensinamento, não se sentindo capacitada. E os outros membros do grupo, por terem talvez uma aderência mais local ao grupo, sem grande inserção ou participação na RCC em nível mais macro e comprometido, também, conforme Adelaide, não manifestam ensinamento. O padre, sacerdote de pouca idade na paróquia, às vezes aparece (bimensalmente), dá uma palavra, faz uma oração,

vai embora. Adelaide qualifica a presença do padre, dizendo que quando ele vem sente-se uma presença espiritual muito forte em suas palavras e oração. Assim também nota-se, em seu discurso, que a palavra de ensino qualificada está, em primeiro lugar, com a hierarquia eclesiástica, pois mesmo não sendo o padre adepto da RCC e, como percebi, não tendo, em seu curto discurso, a linguagem do grupo, é interpretado como alguém de presença e palavra abençoadas. Por outro lado, Adelaide desqualifica o ensino feito por pessoas de pouca instrução – ela mesma, sendo a líder e tendo maior experiência e inserção na RCC –, idealizando o ensinamento, noutro extremo, feito por pessoas que chegam do Brasil, referenciando, mais uma vez, a RCC do Brasil, e seus líderes, como, digamos, mais desenvolvidos.

No ano 2000 houve um decréscimo no grupo, o qual ela não soube explicar ao certo. Porém, informa que as pessoas do grupo estavam a querer “sempre algo a mais, novidades”. Esta é uma pista a considerarmos que, no seio do grupo havia certo conflito latente, ou seja, que pessoas que ali frequentavam desejassem que milagres e operações divinas se fizessem visíveis no grupo. A esta suspeita chega-se ao ouvir Adelaide dizer que na verdade, mais que a cura exterior, o que importa é a interior (e isto ela, de maneiras diversas, sempre repetia nas reuniões de oração). Estaria aí também um dos fatores de Adelaide notar falta de ensinamento no grupo? Ou seja, as pessoas que naquela altura frequentavam o grupo estariam com ensinamentos errados, com idéias equivocadas? O fato é que ela era muitas vezes, nesta época de crise, a única pessoa presente nas reuniões, e sozinha conduzia para si mesma as reuniões. O que mostra o quanto o grupo de S. Lázaro foi, é e continua sendo uma iniciativa bastante pessoal de Adelaide, cuja referência principal do grupo é centrada em si. E o que nos pode fazer suspeitar que, no esvaziamento do grupo em 2000, tal proeminência pode ter sido questionada ou mesmo alguém possa ter “concorrido” à liderança com ela. Das rápidas conversas que tive com outras pessoas do grupo, nenhuma sabia ao certo do caso, dado que, ao menos as pessoas com quem falei, tinham freqüência posterior a 2001 no grupo.

De qualquer forma é oportuno apontar para a questão do papel das lideranças nestes pequenos grupos, de sua auto-definição, auto-imagem e controle sobre o grupo. Se o ES guia o grupo, parece não o fazer

desordenadamente, mas escolhendo pessoas que são tornadas seu marco para o domínio carismático. E quando o tal pode ser questionado ou desafiado, ele permanece, ainda que sozinho, no grupo de um, ou à espera dos novos adeptos, daqueles que sintonizarão com o ES no líder, até que possa haver outra revolução causada pelo mesmo ES, que une, mas também separa.

O que se deve notar neste episódio, também, é a recorrente questão das perseguições e maledicências evocadas por grupos minoritários, inovadores e proselitistas (eu diria, na classificação de Troeltch, muito assemelhados à tipologia de seita, seita *intra ecclesia*), ao seu desenvolvimento. Há uma queixa, aqui e acolá, implícita algumas vezes, explícita outras, de que o Diabo, ou pessoas sem a mesma luz e discernimentos espirituais, tendem a perseguir, difamar ou impedir a obra em curso. Os conflitos, portanto, são interpretados, nomizados e resolvidos através da narrativa persecutória, presente também em outros grupos religiosos, como a IURD em Portugal<sup>7</sup>. É uma forma de camuflar as disputas, vaidades e interesses tão humanos, e espiritualizar a questão do conflito, de certa forma anulando, assim, as responsabilidades e interesses pessoais ou de grupos. Assim, por exemplo, ao se dizer que pessoas sem discernimento ou pouco conhecedoras da RCC estão a impedir o trabalho. Ou seja, a questão é falta de luz divina, destituindo-se a racionalidade analítica como forma de questionar e discordar, ou de explicar os conflitos.

## **5. Quem tem o Espírito Santo não desiste nunca**

Adelaide, de fato, diz sentir que tem algo a mais a fazer, que sua missão ainda está para desabrochar mais. Ela ainda sente o envio que teve quando saíra do Brasil. Talvez não sentindo grande evolução no seu grupo, ou mesmo ela, agora, em busca de “novidades”, diz que sente que sua missão deveria estender-se mais, e cita seu restaurante, que tem a TV ligada todo o tempo na RCC. Sente que através do restaurante pode chegar a falar de Cristo a mais pessoas, principalmente aos brasileiros que, às vezes, por ali chegam. Sempre o Brasil como referência! Enfim, a consciência de pessoa escolhida e missão divina está

---

<sup>7</sup> Clara MAFRA, *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*.

plenamente internalizada em Adelaide, que sente-se imbuída de tarefa nobre por Deus. Algo novo para seu país e cidade.

Talvez esta sua missão maior pudesse começar por mim. Adelaide, durante nossa conversa, mostra-se solícita em, indiretas ou diretas, converter-me. Diz que eu devo ir à Assembléia da RCC em Fátima, que eu devo assistir tal programa na CN, e, enfim, que eu também posso experimentar o que Deus pode fazer por mim e já fez por ela. O discurso de Adelaide, e sua missão, estão em linha com o discurso e missão dos outros grupos e movimentos do gênero: (re) conversão, proselitismo.

Quanto aos hinários e Bíblias serem os de referência no Brasil (“Louvemos o Senhor” e a Bíblia da Editora Ave Maria), Adelaide justifica os mesmos através da CN, por que os membros do grupo ouvem as canções tocadas e cantadas na TV CN e que estão no cancioneiro brasileiro, daí seu uso; e, no caso da Bíblia, por ela ter trazido esta para Portugal e por que uma só versão da Bíblia facilita a que todos acompanhem igualmente a leitura. De uma ou de outra forma, porém, também aqui manifesta-se a referencialidade brasileira, pois que a Bíblia é a que é por que foi a que ela trouxe do Brasil e o hinário justificando-se pelos cantos que são ouvidos do Brasil via satélite.

Por fim, chamo a atenção para a vedete, o “ponto G” dos grupos e aderentes a eles estudados: a queixa central de que o mundo, as pessoas, inclusive a Igreja, cada vez menos adora e cada vez mais se afasta de Deus. Esta é a queixa de Adelaide. Esta é a percepção dos grupos. Disso, em muito, fazem suas orações e narrativas, internas e externas. Nisto colocam sua missão: fazer com que as pessoas se convertam e adorem verdadeiramente ao verdadeiro Deus. O discurso, as narrativas e práticas de tais grupos se efetivam, sustentam e alimentam-se neste ponto.

### **Aspectos de uma prosa: Adília e Gervásia**

Assim como pude obter conversas mais demoradas com Adelaide, também pude reunir-me demoradamente, para uma prosa, com as duas pioneiras do Grupo de Oração da RCC do Patronato da Sé, cujo nome oficial é Bom Pastor. Adília, uma lisboeta de uns 60 anos, e Gervásia, bracarense de cerca de 50 anos, me receberam em particular para um bate-papo.

## **1. Brasileiro para Adelaide, estrangeiro para Adília e Gervásia**

Primeiramente devo destacar o ambiente em que tivemos nossa conversa mais demorada: uma confeitaria, e Adília estava junto com seu marido. Ao contrário de Adelaide, que recebeu-me nos fundos de seu restaurante-casa, portanto, no lugar de sua vida íntima e familiar, Adília e Gervásia preferiram um ambiente público movimentado, e com a presença do marido de uma delas. O primeiro contraste entre os dois grupos já inicia, portanto, na forma como as informantes se relacionam com o pesquisador. Adelaide, com seu ufanismo católico-brasileiro, pareceu estar mais à vontade com um brasileiro quase desconhecido seu. No Grupo da Sé, porém, sem fortes referências brasileiras, um homem brasileiro estranho, por mais que semanalmente frequentasse as reuniões, rezando o terço e até fazendo os gestos nas canções, inspirava certos cuidados básicos quando o assunto era informações sobre o grupo.

## **2. “Sou português, com muito orgulho, com muito amor”<sup>8</sup>**

O grupo da Sé foi formado em 1994, no local em que até hoje se encontra, uma sala de catequese do prédio da paróquia da Sé. Antes, contudo, Gervásia e Adília já se reuniam em casas para orações. Com a visão missionária de estar aberto aos de fora, o grupo passa então a se reunir em local público em 1994. Ao contrário do Grupo de S. Lázaro, o Grupo da Sé está pouco ou quase nada referenciado pela RCC do Brasil. Todo seu material de canto e Bíblias são portugueses, e, conforme afirmam, estão ligadas diretamente à sede do movimento em Portugal, de forma específica ao Pe. Lapa, iniciador e referência da RCC em Portugal. E esta lusitanidade do Grupo também tem raízes em conflitos. O quisto da diferença está justamente na questão da rejeição – ainda que não aberta, explícita ou mesmo racionalizada – à influência da RCC brasileira. Enquanto em seu restaurante Adelaide tem a TV ligada diuturnamente na Rede Canção Nova, e no Grupo faz sempre a consagração “dos aparelhos, satélites, apresentadores, programas, fios, microfones” da CN à proteção da Virgem de Fátima, no Grupo da Sé, ao contrário, a CN passa – ao menos

---

<sup>8</sup> Paráfrase ao “hino” cantado em eventos esportivos das seleções do Brasil, que diz “sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”.

oficialmente - em brancas nuvens. Ou melhor, não só é ignorada, como é criticada. Adília e Gervásia são unânimes em acusar – sem muitos eufemismos cristãos – a CN de ser uma pedinte contumaz de dinheiro, quase simoníaca. Dizem que não vêem a CN pois quase toda programação é a pedir dinheiro para a obra disso, para a manutenção daquilo, etc. Citando o Pe. Lapa, discorrem que após a entrada da CN em Portugal muitas pessoas deixaram de ir à Igreja e aos Grupos de Oração, pois se contentam com a TV. E que o Pe. Lapa desaconselha ver a CN (!). Outra acusação é que a CN torna as pessoas fanáticas.

A CN é uma chave interessante do conflito interno na RCC e da absoluta ignorância que os dois Grupos da RCC bracarense acompanhados na pesquisa fazem questão de ter um do outro. Certamente que a questão dos pedidos de dinheiro na programação da CN parece ser mais um alibi ou desculpa. A questão, é provável, está no “fanatismo” e na “ausência” nas Igrejas ou Grupos a que a CN levaria. O dado mais interessante sobre isto é saber que um dos fundadores do Grupo de Oração da Sé, cujo nome foi omitido, não está mais no Grupo porque “foi para a CN”. O que significa este “foi” para a CN? Qual a arqueologia deste conflito dos primórdios? Neste ponto as informantes foram lacônicas, e esta seria interessante investigação para dissertação ou tese para futuros pesquisadores. O caso é que a RCC em Portugal está, ainda que não o queira demonstrar, dividida. Lutas por poder simbólico diante das práticas, lideranças e grupos da RCC dividem a mesma entre os que se alinham à matriz portuguesa, representada pelo Pe. Lapa e pelo site e publicações Pneuma (o site não cita a CN em Portugal!), e o rosto carismático da Comunidade de Vida e Aliança CN, com seus poderosos meios transnacionais de comunicação e com seus ícones particulares. Pneuma é uma tentativa de articular uma RCC nativo, sob os auspícios e controle do Pe. Lapa. A CN surge, neste contexto, como invasão exógena, acirrando concorrência de vaidades e formas de ser carismático. Assim, quando se diz que muitos que vêem a CN não vão à Igreja, pode estar querendo se dizer que vão a outros grupos, ou que chegam aos grupos com novas mentalidades, taxadas de fanáticas, para dentro do grupo. Bom lembrar que Hercília Pinto também alcunhou Adelaide, quando veio do Brasil com sua missão carismática, de fanática, de trazer mais uma seita do Brasil. É, no mínimo, muito forte e significativo adjetivar de “fanáticos” os “irmãos” do mesmo Renovação, ou seja, que têm práticas e



afinidades católicas semelhantes, pautadas pelo estilo RCC. O adjetivo revela as profundas dores geradas por jogos de poder e força entre a RCC de raiz portuguesa e a RCC influenciada pelo Brasil, notadamente pela CN, para a definição, ocupação e cercamento do campo religioso carismático português. Um jogo aberto de poder!

### **3. Mas há algo em comum**

Importante, também, é observar um pouco a trajetória das interlocutoras no sentido de pontuar algo em comum entre a mentalidade carismática nos dois grupos: a descoberta do Cristo vivo da alegria e louvor. Adília conta que conheceu a RCC em Lisboa. Numa missa a que foi convidada, um membro da RCC abraçou-a bem forte ao final, desejando a paz e o amor de Jesus a ela, e dizendo que iria orar por ela. Adília contabiliza este ato como sendo fundador de um novo relacionamento com Deus e com a Igreja. Até então seu catolicismo era formal, e seu Deus era longe. Mas ali ela reconheceu nova face de Deus, um Deus que ama através dos irmãos. Interessante observar como a efervescência emocional, o contato amoroso e interessado direto, o descobrir-se em nova família emocional em pequenos grupos, tem sido a dinâmica que gera as adesões ao movimento, dentro de um aspecto bastante durkheimiano. Gervásia não foge muito à narrativa. Embora tenha antes passado pelo Caminho Neocatecumenal, onde diz ter conhecido a Bíblia, disse que conheceu Jesus de forma forte e viva no Grupo da RCC. Foi em 1992, quando foi a uma Assembléia da RCC em Fátima. Lá, pela primeira vez, diz ter conseguido louvar de verdade a Jesus. Como, segundo ela, não era possível participar dos dois grupos, preferiu a RCC. Afinal, se o Caminho Neocatecumenal a fez descobrir a Bíblia, a RCC a fez descobrir o relacionamento emocional ou vivo com o Jesus da Bíblia. Isto é, entre a racionalidade e a emoção, prevaleceu a última, ao menos em relação à escolha do Grupo.

Outra narrativa em comum com as de Adelaide: a profecia. Assim como sobre Adelaide foi proferida profecia de sua missão em Portugal, na Assembléia de Fátima uma mulher desconhecida também “ministrou” profecia sobre Gervásia, sobre sua missão na Igreja. Ter sido alvo de uma profecia, de uma missão, dá uma aquisição de poder simbólico que certamente faz donas de casa tantas vezes sem voz ou lugar de destaque na sociedade e família terem uma intrepidez

e entusiasmo inauditos, ou seja, falando a língua dos carismáticos, uma nova vida no Espírito. Gervásia ainda citou que antes da RCC não conhecia Jesus. Antes, seu Jesus era um Jesus de pedidos, de favores.

Aqui entramos mais a fundo no ponto de comunhão entre os Grupos que, no campo simbólico *do poder e das referências*, se distanciam. A comunhão se dá na narrativa sobre os outros, os católicos convencionais. Como Adelaide, também Gervásia e Adília delimitam as fronteiras entre os de fora, que não conhecem verdadeiramente a Cristo, e os da RCC, abençoados e renascidos neste novo conhecimento. Segundo Adília e Gervásia, ainda prevalecem, no catolicismo português – particularmente no bracarense (em que, coincidência?, a RCC não tem forte penetração) – uma religiosidade de um Deus castigador, enquanto a RCC apresenta um Deus vivo e amoroso. A outra dualidade apresentada é entre um Jesus que só serve para se “fazer pedidos”, no catolicismo tradicional, e um Jesus louvado e adorado em Espírito, na RCC. Adília fala de um Jesus “bombeiro”, que só é lembrado na hora das dificuldades, enquanto na RCC não se pede, mas se louva, por coisas boas e “não tão boas”. Enfim, a auto-afirmação do Grupo se dá pelo contraste com “os outros”. Há, na RCC, uma aquisição de poder simbólico por parte de algumas pessoas perante seus pares católicos. Todos são católicos, mas uns são mais verdadeiramente que outros, pois tiveram um acesso a um conhecimento que outros não tiveram, e, portanto, gerem com mais eficácia os bens simbólicos. Não deixa de ser um esoterismo católico.

#### **4. Relações com a Igreja hierárquica: a fina fronteira entre a obediência e a contestação na inspiração do Espírito**

Nesta aquisição de poder, que se faz presente o contraste, como falávamos acima, não estaria também uma aquisição de poder do leigo perante o clero, numa revolução silenciosa, obediente, respeitadora, mas, de todo modo, subversiva quanto à tomada do poder sagrado? Afinal, se o padre é ordenado e tem o Espírito Santo de uma forma especial, tais leigos também o têm, de formas também especiais. Perguntadas sobre os padres e bispos que não tem afinidades ou mesmo condenam a RCC, Gervásia, de forma bastante cautelosa, diz que eles ainda não descobriram com maior profundidade os dons do ES mas que, não obstante, têm plenamente o ES por sua ordenação. Ou seja, um reconhecimento

de carisma de função, ligado à estrutura Igreja, e não um reconhecimento de carisma próprio que, aliás, elas o teriam. No discurso vislumbra-se, com cuidado e humildade devidos, a reivindicação de um poder, ou melhor, conhecimento do ES que certos padres não teriam. Com todo respeito, é claro! Mas quando há uma profecia de um líder leigo da RCC sobre alguém que um padre ou bispo desvaloriza? E quando, em ajuntamentos maiores da RCC, um pregador leigo diz a doença presente naquele meio e cura? Qual a eficácia deste evento e narrativa diante da rotineira missa e arrastado sermão do vigário da Paróquia, que tudo desconhece da RCC? Sim, o poder clerical continua em seu devido lugar, mas...

A obediência ainda está em alta, sem dúvida. Mas, tal como os católicos tradicionais, que ouvem o padre de um lado e as suas próprias idéias de outro, geralmente prevalecendo as idéias próprias, também com toques bricolares, a RCC também entende à sua maneira, cada qual, o ES, embora ainda haja mais respeito pela batina. Eu perguntei a Gervásia por que a oração em línguas tinha hora certa no Grupo, logo após do hino, quase oficial, "Eu navegarei no oceano do Espírito". Gervásia pontuou que a oração em línguas é guiada pelo ES e *não deveria* ser após uma música certa, ou em momento marcado. O louvar deve ser espontâneo, não regularizado. Mas, conforme Weber, a instituição está aí justamente para burocratizar, tornar rotina, controlar. O caso é que a equipe diocesana da RCC definiu que houvesse uma hora certa e determinada no grupo para a oração em línguas. Mas Gervásia argumenta que não é possível controlar o ES e que, em outros momentos da reunião, até sente vontade de louvar em línguas, mas se segura. Pergunto qual a determinação correta, a eclesiástica ou a que o ES a inspira, ao que ela rebate, surpreendente: "cada um faz a interpretação própria". E ponto. Aqui está a tensão de um conflito gerado pelo ES, cuja função, ao que se sabe, seria unir. O poder que o estar revestido do ES gera nos leigos, muitas vezes, conflita com o poder que o ES gera nos padres. Só que, em uns, o ES gere poder funcional e, noutros, poder de carisma pessoal. Não é de se admirar que muitos grupos ou pessoas da RCC acabam por se desvencilhar da Igreja ou continuamente manterem com ela, dependendo do bispo ou padre de plantão, um relacionamento tenso e delicado sob a capa da obediência e respeito.

Quanto a este ponto, um exemplo que, se não é diretamente relacionado à hierarquia, o é aos de “fora”. O grupo da Sé inicia sempre a reunião com a recitação do Terço. Mas isto nem sempre foi assim. No início não havia a prática deste baluarte da identidade católica, iniciando o grupo sua reunião com cânticos animados, palmas, gestos, e depois orações em línguas e partilha da palavra bíblica. Tudo que qualquer igreja pentecostal tem. E, no caso da oração em línguas e possíveis profecias, fenômenos que, aos olhos mais leigos, poderiam se relacionar a fenômenos do espiritismo. Acresce-se a isto o fato do grupo estar num espaço não sacro, ou seja, uma sala de catequese num prédio sem aspecto de Igreja e cuja janela e porta dão diretamente à rua. Pois então o temido acontecia: alguns, por ali passando ou entrando, vendo aquela forma singular de espiritualidade, confundiam o Grupo com um Grupo de espíritas ou mesmo evangélicos. Por isso foi radicada a prática da recitação do Terço no início, para simbolizar e fazer patente o catolicismo do que estava ali a ocorrer. Chamo, então, a atenção, para o caráter de construção própria que o grupo faz em torno de sua identidade católica.

## **Conclusão**

A RCC, em Portugal, como no Brasil, parece viver dilemas e dinâmicas semelhantes: disputa por poder simbólico; distinção pelo contraste com os “outros”; conflitos pela ocupação do campo religioso carismático. Talvez a grande pimenta a mais que haja em Portugal seja justamente o Brasil. É pela referência ao Brasil que muitas vezes se dá a tensão e o conflito no campo carismático português. Mas não exageremos o Brasil como pivô de crises e disputas. Em todo canto e lugar, O ES sopra como quer e onde quer, conforme afirma a própria Bíblia. Isto já é liberdade suficiente para gerar disputas, conflitos, controvérsias em qualquer grupo, por menor e isolado que seja. O ES é a força da RCC, como, também, sua fraqueza.

## **Bibliografia**

HERVIEU-LÉGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 18/1, 1997. p. 31-48.

MAFRA, Clara. *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa : Universidade de Lisboa, 2002.

SEGATO, Rita Laura. Formações de Diversidade: um modelo para interpretar a recepção de opções religiosas nos países da América Latina no contexto da globalização. In: ORO, Ari (Org.). *Religião e Globalização na América Latina*. Petrópolis : Vozes, 1997.

VILAÇA, Helena. *Da Torre de Babel às terras prometidas: pluralismo religioso em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.